



O que é Ecologia Radical?

Thierry Sallantin

Viva o “Artesanalismo” !

Abaixo o industrialismo! O qual é incompatível com o urgente regresso para 280 partes por milhão de CO₂ na atmosfera: se continuarmos com um tipo de sociedade que demande muita energia, estaremos partindo para uma transformação radical do clima e de forma irremediável durante os próximos 500.000 anos (1).

Abaixo a todas as sociedades devoradas pela loucura da busca pela grandeza, pelo excesso, essas sociedades que apenas sob o pretexto do “poder” e “potência” dão luz a estruturas hierárquicas sobre a superfície mais ampla possível, fundadas por meio de conquistas repugnantes de povos humildes que não pediam nada mais do que continuar a viver tranquilamente (2).

Ecologistas radicais: os/as que remontam à raiz do problema

Raízes comprovadamente com mais de 6.000 anos desde as primeiras cidades na Mesopotâmia onde os arqueólogos detectaram a aparição dos primeiros delírios de grandeza, essas primeiras sociedades, excessivamente numerosas, resultantes das guerras e da submissão dos vencidos, do poder exorbitante de príncipes cujo orgulho e falta de moderação (do grego “Hubris”) se traduziram em “grandes monumentos inúteis” : essas torres chamadas de “zigurates” . Sempre a mesma farsa dos ricos desde 6.000 anos atrás!

Não desejamos, assim como o ATTAC, um “Alter-Capitalismo” , nem desejamos “outra civilização” , uma “alter-civilização” ! Todas essas palavras com “alter” : indícios do pensamento... alterado (foi idiota ter inventado a “alter-globalização” ... e por que não uma “alter-pena-de-morte” , você sabe: o bio (a alimentação biológica) e o comércio justo!).

O conceito de “civilização” foi inventado em 1756 por Mirabeau: os europeus, inflados de orgulho, se diziam “civilizados” frente aos mais fracos que (claro) deviam ser colonizados: os selvagens. O que mais tarde será o motivo pelo qual Léon Blum, em 9 de julho de 1925, justificou a repressão no Rif, em Marrocos, contra a valente resistência dirigida por Abd El Krim. Blum decidiu enviar para lá o herói de Verdun, o marechal Pétain!:

“Amamos demais nosso país para negar a expansão da civilização francesa. Admitimos o direito e até o dever das raças superiores de trazer até elas as que não têm alcançado o mesmo grau graças aos esforços da ciência e da indústria” .

Reconhecemos quase as mesmas palavras em Jules Ferry, em 1885, justificando as colonizações na Indochina e na África! E também em 1952, Félix Gaillard, secretário de Estado da presidência (para justificar a indústria atômica), afirmou que as nações que não seguissem a via do desenvolvimento baseado na física atômica seriam em 25 anos:

“tão atrasadas frente às nações nucleares quanto são os povos primitivos africanos hoje frente às nações industrializadas” ...

Hoje, com o retrocesso adquirido graças à tomada de consciência da situação suicida para onde a modernidade leva, sabemos que a “civilização” foi desde seu começo um projeto absurdo, e que os pequenos povos modestos, equipados tecnicamente do mínimo estrito, eram os que tinham razão... Além disso, nestas sociedades, a noção de “trabalho” não existe (3). E pensar que essas sociedades (que tinham encontrado as chaves para a felicidade, o progresso no verdadeiro sentido do termo) faziam os europeus morrerem de rir quando estes os descobriam abaixo dos trópicos, ou para além do aural, na Ásia do Norte ou até do outro lado do atlântico... divertindo-se, tratando-os como “primitivos” , como “selvagens” , como “atrasados” !

Descolonizar o imaginário é sair de uma vez por todas desse preconceito de

superioridade dos colonizadores, abandonando o velho vocabulário que justificava a expansão colonial.

Desde então os ecologistas radicais dizem:

**Abaixo a civilização!
Viva o selvagem!**

Viva às múltiplas silvilizações (do latim “sylva”, floresta); abaixo a “civis”, a cidade, lugar de amontoamento humano e de exploração da população camponesa circundante, das quais a cidade depende para a sua alimentação!

Abaixo o desenvolvimento, viva o seu oposto: o envolvimento! (4)

Solidariedade para com os povos tradicionais que têm a sabedoria e a experiência da vida tranquila e autárquica. Na última contagem, havia 6.900 línguas diferentes, porém, em toda parte a etnodiversidade está ameaçada, seja diretamente (genocídio) seja indiretamente (etnocídio)...

É neles que os ecologistas radicais podem se inspirar para redescobrir a arte dos modos de vida de baixo impacto ecológico, a arte de se constituir em micro-sociedades à escala humana, onde todos conhecem a todos e onde as estruturas hierárquicas estão fora de jogo, indecentes. Com a agricultura moderna nos Estados Unidos se investe 7.4 calorias para produzir apenas uma (5). Com a agricultura tradicional dos Yanomamis na Amazônia, a cada uma caloria investida (trabalho, somente a energia muscular e nenhum insumo) eles produzem 19.8 calorias (6).

Ecologia radical: refutar radicalmente nosso mundo!

Nenhuma trégua: tudo deve ser mandado para o inferno! Veja os escritos de Derrick Jensen em “Deep Green Resistance” e “Endgame”, ou o filme de Frank Lopez: “End-Civ” (7). Neste filme também vemos que a ecologia radical também significa utilizar meios radicais para destruir a civilização. Os ecologistas radicais não são “ursinhos de pelúcia”, gente educada, que atentam para não utilizar nada além dos meios de ação “esquisitos e distintos (filhinhos de papai, riquinhas)”, dignos de uma boa educação, refinados, polidos. Não! Os ecologistas radicais são gente perigosa! Contra os ricos, os patrões, os empresários e os políticos

convêm levantar barricadas. Em 1789, não retrocedemos frente a nada para que os aristocratas devolvessem a nossa voz. Hoje, é a vez de todos os contaminadores, manipuladores, publicitários e investidores morrerem de medo.

Porque os radicais estão surgindo! Os da pior espécie: os ecologistas!

Com efeito, a ecologia é o questionamento total do delírio presunçoso pluri-milenar dos ocidentais. É o fim do antropocentrismo e, por isso, de todas as religiões monoteístas, o regresso às visões de mundo biocentristas, as que nos impulsionam a viver em paz com nossas irmãs plantas e nossos irmãos animais, porque não haverá justiça até que todas as espécies vivas compartilhem a biosfera de forma equitativa. Os humanos não devem ocupar todo o espaço! Atualmente, entre as 5.000 espécies de mamíferos, somente uma representa 90% do peso da biomassa de todos os mamíferos (8). As 4.999 outras espécies devem se contentar com 10% do peso da biomassa restante! Escandaloso e injusto (9)!

Crise? Não, não é uma crise: vivemos a fase da agonia terminal

Entre 2020 e 2060, haverá milhões de mortos com o fim dos recursos energéticos, a multiplicação dos acidentes nucleares (a radioatividade já matou 63 milhões desde 1945) (10), com o fim dos recursos minerais, a multiplicação dos cânceres e outras doenças crônicas causadas pelos produtos químicos e pelas ondas eletromagnéticas (11). Milhões de mortos: o índice de mortalidade será, a cada dia, 150 vezes mais elevado que durante a Segunda Guerra Mundial... Migrações massivas de populações, com os primeiros efeitos nocivos das mudanças climáticas, engendrarão distúrbios racistas por parte de povos que se sentirão invadidos, a isso se somarão guerras civis, guerras entre Estados, fome, epidemias muito mais graves que a peste negra de meados do século XIV...

Não seremos “9 bilhões em 2050” !

Esta dramática perda de população vai se desacelerar em meados dos anos de 2070 e finalmente os humanos serão apenas 1 milhão em 2100, como indicam as assustadoras curvas demográficas de Paul Chefurka, que nos mostram a constante paralela de 300 anos entre a curva dos recursos energéticos

(cuja queda é iminente, sobretudo a do petróleo) e a curva da população.
(12)

Por isso digo para nós, que nos reunimos “sensatamente” para discutir a ecologia radical, que não adianta fechar os olhos: a maioria de nós irá morrer de formas violentas, e será ainda pior para nossos filhos! Sobretudo se continuarmos a viver no seio das sociedades industriais e das zonas superpovoadas.

O que fazer enquanto o Titanic se afunda?

De qualquer forma, não permanecer dentro dele. E não há tempo para bancar o escoteiro católico partidário da gentil “transição” : trata-se de uma mudança radical, trata-se de algo brusco!

Porém, como no momento do naufrágio, até o último minuto as pessoas continuaram a preferir a distração: eram tocadas belas peças musicais nos salões do Titanic. Da mesma forma que aqui, as pessoas se excitam primeiro para correrem todas até a estação parisiense de trens Saint Lazare porque escutaram que ali seria inaugurado um Burger King!

Bertrand Meheust está certo: o ambiente não é de revolução **(13)!**

As pessoas foram definitivamente cretinizadas, imbecilizadas pela sociedade de consumo. Falar de democracia é insignificante: desde o princípio dos anos 1920, a ditadura da mercadoria se instalava com Lippman e Bernays **(14)**... e os marxistas nem viram nada acontecendo. Normal, porque estavam, como os capitalistas, hipnotizados pela vida moderna! Já em seu tempo, Marx defendia os Estados Unidos modernos contra os mexicanos “atrasados”, porque só jurava pela “grande indústria” e estava do lado dos ingleses contra os “primitivos” indígenas que se revoltavam contra a infiltração europeia... Daí vem meu anti-comunismo, assim como meu anti-capitalismo....

Thierry conheceu, em vários países da Europa, anarquistas que se definem como “anti-civ” (contra a civilização) em reuniões anuais na Inglaterra, Catalunha e Suécia, entre outros. Lá aprendemos diferentes técnicas de sabotagem e também de saberes e experiências práticas sobre a vida em total liberdade na natureza em um estilo paleolítico. Como podemos ver no documentário “Lynx, uma mulher fora do seu tempo” **(15)**. Sobre o mesmo

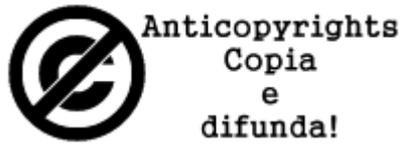
tema, veja o livro de Eric Valli “Encontros fora do tempo”, Ed. La Martinière, onde entrevista algumas das 1 milhão de pessoas na América do Norte que realizaram secessão, desertaram radicalmente o sistema para viver de maneira realmente humana e harmoniosa. Para um exemplo na França, ler “Minha infância selvagem”, de Djala Maria Longa. Se trata de 6.000 hippies que vivem entre Foix e Saint Giron em Ariège, os primeiros chegaram depois de maio de 1968 e alguns de seus filhos como Djala foram entrevistados pela televisão no France-Culture no programa “Os pés sobre a terra”, que foi ao ar em 20 e 21 de novembro de 2013. Todos são testemunhos dos dois lados do Atlântico para brindar a ideia que objetiva sair da sociedade de consumo, já que “consumir é ser... forçado a ser... idiota” ! Sair das cidades é urgente porque ganhar a vida nelas é perder sua vida tentando ganhá-la: devemos viver nossos sonhos ao invés de sonhar a vida toda vivendo indolentemente na cidade! Mas para onde devemos ir?

Criemos em toda parte as Z.A.D., (zonas autônomas definitivas), tribos onde possamos voltar ao selvagem, rebeldes contra a civilização, constituindo em primeiro lugar grupos de “retorno ao homem/mulher feliz”, para em seguida alcançar os meios para sair definitivamente da sociedade industrial: instalar-se em grupos sem hierarquias, onde a natureza ainda é livre, marchando pouco a pouco para uma vida cada vez mais autônoma, autossuficiente, primeiramente ao nível da alimentação (biológica), e depois em todos os outros campos: reapropriação dos saberes e experiências para fabricar tudo localmente, com arte e amor, um hino à beleza do “feito à mão”. Um lindo modo de vida com pegada ecológica zero. Coerente com a vontade de inserir-se harmoniosamente no ecossistema local, ou seja, deixando todo o espaço que as outras espécies vegetais e animais necessitam: diversidade máxima coabitando com a máxima etnodiversidade. Entre as possibilidades de “terras a libertar” como diziam os anarquistas naturalistas em 1900, existe um departamento na França cujo sul está coberto de bosques, do tamanho de Portugal, um espaço de 2 milhões de hectares inabitado e garantidamente sem contaminação onde o Estado, por decreto, em abril de 1987, garantiu direitos de uso coletivo em sua floresta nacional. Os ocupantes (okupas) têm o direito de assentar-se gratuitamente no bosque segundo duas condições: 1º viver em grupo; 2º viver em auto-subsistência tradicional somente com os recursos do bosque - pesca, caça, coleta e horticultura em pequena escala nas clareiras do bosque, falo de semi-nomadismo. O que poderia ser melhor para os... ecologistas radicais! Comprar a terra é inútil: crédito hipotecário gratuito! Espaço suficiente para uma centena de aldeias de rebeldes e artistas da vida bela!

Referências

1. Ver os dois livros de Clive Hamilton “Réquiem para a espécie humana”, “Os aprendizes dos sortilégios do clima” e minhas discussões com ele durante sua passagem por Paris.
2. Ler “Zomia”, de James C. Scott: exemplos de resistência aos impérios chineses, birmaneses, Khmer (do Camboja) - o ocidente não é o único exemplo de delírio de grandeza.
3. Ler Marshall Sahlins “Idade da pedra, idade da abundância” e o artigo de Jacques Lizot publicado na revista LIBRE n.º 4 (1978) sobre a economia das sociedades primitivas: com o exemplo dos Yanomamis.
4. Para a noção de “desenvolvimento” leia o artigo em Agoravox: “Conferência internacional do Rio sobre o meio ambiente - o desenvolvimento sustentável é o problema, não a solução”. Assim como “Fartos dos economistas” e “A arte de traduzir desenvolvimento sustentável”, todos escritos por Thierry Sallantin.
5. Fonte: reportagem de Pablo Servigne, que pode ser baixada em www.greens-efa.eu/nourrir-1-europe-en-temps-de-crise-10570.html.
6. Fonte: trabalho de Jacques Lizot, in situ, de 1968 a 1991, toda as cifras estão no site de permacultura MORIKIDO, artigo “Agroecologia, novo oximoro”, de Thierry Sallantin. Ou também em <http://anarchieverte.ch40s.net/2014/01/les-verts-de-rage/>.
7. <https://www.youtube.com/watch?v=gX47Zt-bak4>.
8. Agregado a esse número está o peso de todos os animais de criação.
9. Fonte: Valérie Chansigaud, 2013, “O homem e a natureza, uma história conturbada”.
10. Reportagem de C.E.R.I, Cometê Europeu sobre Riscos de Radicação, Chris Busby e Alexey Yablokov, tradução de Paul Lannoye das edições Frison-Roche, 2004).
11. Ler “Planeta Tóxico”, edições Seuil, 2013, de André Cicolella, da rede “saúde - meio ambiente”.
12. Ver courtfool.info em energia e população mundial. Também Chris Clugston (sgswans.weekly.com/peak-nnr-chris-clugston.html) chega ao mesmo resultado, porém, na página 228, “Requiem...”, Presses de Sciences Po 2013, Clive Hamilton diz que só sobrarão “algumas centenas de milhares de sobreviventes no prazo de um século ou dois”.
13. Ler seus últimos dois livros: “Política do oximoro” e “Nostalgia da ocupação”.

14. Leia "Propaganda" .
15. em: www.lynxvilden.com,



A propriedade é um roubo!

Leia, copie e distribua esta publicação!